

Quatro décadas depois, corpos da Guerra das Malvinas são encontrados

Após 40 anos, cemitério identificou argentinos mortos na Guerra das Malvinas

Por Sylvia Colombo* (Folhapress)

O cemitério argentino de Darwin, nas ilhas Malvinas/Falkland, está perto de concluir um processo de mais de quatro décadas. Restam apenas cinco sepulturas sem identificação.

Para as famílias dos soldados argentinos mortos na Guerra de 1982 - quando os argentinos invadiram as ilhas, que tem status de Estado associado ao Reino Unido -, isso é essencial: saber onde está enterrado um filho ou um irmão.

Para a história do conflito, é a tentativa tardia de pacificar os ânimos dos que acham que essa disputa ainda não terminou.

Afinal, os argentinos não desistiram de reivindicar a soberania nas ilhas, mesmo depois de perderem a guerra e de ter havido um referendo, em 2013, em que mais de 99% da população pediu que o vínculo com o Reino Unido permanecesse igual.

Logo após o fim dos combates - que mataram 649 pessoas do lado argentino e 255 do lado britânico -, não houve interesse em organizar um cemitério para os soldados argentinos. Os corpos permaneciam espalhados pelas montanhas e outros campos de batalha.

Foi logo após o conflito que chegou às ilhas o oficial britânico Geoffrey Cardozo. Ele fora enviado para supervisionar o pós-conflito. Mas, à medida que engenheiros avançavam na retirada das milhares de minas espalhadas pelas ilhas, corpos iam aparecendo.

"Um dia me ligaram e disseram ter encontrado um corpo. Eu voei de helicóptero e desci no meio do



Corpos dos combatentes mortos em 1982 foram encontrados no Cemitério Darwin

campo minado. Foi o primeiro que encontrei. Um soldado argentino. Estava deitado na neve, com os olhos abertos. Eu fechei os olhos dele e pensei que não podia ter mais do que 18 ou 19 anos", conta Cardozo à Folha.

O impacto foi definitivo. "Pensei na minha mãe me beijando quando eu ia para alguma missão. E pensei: 'este garoto também tem uma mãe'. Esse pensamento motivou tudo o que fiz depois."

A partir daí Cardozo conta ter considerado que aquela era sua verdadeira missão. "Era mais urgente reunir esses cadáveres e construir um cemitério, já que o governo argentino não queria levá-los de volta."

Os presidentes argentinos pós-ditadura tampouco fizeram algum esforço para repatriá-los. O argumento era que eles tinham caído

em defesa de um solo que consideravam argentino, e que, por isso, ali deveriam ficar.

Mas os corpos não podiam permanecer nas colinas onde a maioria havia morrido durante os combates. Também não podiam ser enterrados no cemitério civil de Stanley. A população da capital rejeitou a construção de um cemitério argentino na cidade. Foi então que surgiu a solução. "Esse homem maravilhoso, um falklander, disse: 'Geoffrey, eu tenho um terreno para você. Foi quase bíblico, sabe?'; conta Cardozo.

O oficial britânico voltou a Londres, reuniu uma equipe e retornou às Malvinas. O trabalho começou em janeiro de 1983. Em poucas semanas, ele e sua equipe recolheram 246 corpos. Grande parte deles não possuía nem um documento, razão pela qual Car-

dozo os enterrou junto a seus pertences, para ajudar em um futuro trabalho de identificação. Cada um ganhou um caixão e uma sepultura. Mas cada uma das lápides tinha os mesmos dizeres: "Soldado argentino, apenas conhecido por Deus".

"O termo 'repatriação' é muito complicado na Argentina", diz Cardozo. "Os governos pensam que as ilhas são argentinas, então acreditam que eles devem permanecer ali."

A maioria dos combatentes vinha de províncias pobres, como Corrientes e Formosa. Assim, sempre foi muito difícil que as famílias fossem visitá-los. Algumas ONGs e empresários tocados pela causa de vez em quando promovem a viagem de parentes. "Porém, quando eles chegavam lá, não sabiam que morto homenagear, porque não havia identificação", diz Cardozo.

Décadas se passaram até que o cenário começasse a mudar. O ex-combatente argentino Julio Aro visitou o cemitério de Darwin e ficou impactado. Associou-se a Cardozo e ambos buscaram a Cruz Vermelha. O governo das ilhas estimulou o trabalho de tom meramente humanitário.

Iniciou-se uma longa mobilização, mas durante anos não houve avanços concretos. Quando os Kirchner estavam no poder na Argentina, com um forte discurso anti-imperialista, o governo colocou obstáculos ao projeto. As conversas com o Reino Unido só se destravaram em 2016, em uma reaproximação diplomática entre os dois países. O então presidente Mauricio Macri defendeu que o projeto de identificação fosse levado adiante.

A partir de 2017, equipes forenses exumaram os corpos e realizaram testes de DNA, comparando-os com amostras fornecidas por familiares. O trabalho envolveu a renomada Equipe Argentina de Antropologia Forense. Os resultados começaram a aparecer. Em 2018, 90 soldados haviam sido identificados. E o processo continua.

A comparação do cemitério hoje com o que a Folha visitou há 12 anos é impactante. Naquela época, tratava-se de um cenário de várias sepulturas brancas sem nome. Agora, as famílias já depositam flores, fotografias, cartas, terços e pequenos objetos dos soldados. Cada uma volta para casa com um sentimento de alento.

*A jornalista viajou a convite da Embaixada do Reino Unido no Brasil.

Pesquisa indica maior adoção da I.A. por países emergentes

os jovens adultos globalmente são consumidores vorazes de conteúdo digital, com pessoas com menos de 35 anos apresentando o maior uso de mídia social, dispositivos online e uso ativo de GenAI. Mas o verdadeiro destaque são as pessoas em economias emergentes, particularmente Índia, Brasil, México e África do Sul. Elas lideram a adoção de IA globalmente com as maiores taxas de uso, maiores níveis de confiança e engajamento mais ativo em treinamento de IA. O Brasil é o segundo país que mais usa IA Generativa (51,6%), perdendo somente para a Índia (66,4%).

De acordo com a pesquisa,

Por outro lado, os entrevistados em países europeus demonstram menos confiança e mais incerteza em torno do uso da IA. Isso mostra uma mudança em relação aos padrões históricos, nos quais as economias emergentes costumam demonstrar maior lentidão no acesso e na utilização de novas tecnologias.

No entanto, nesses mesmos países - Índia, Brasil, México e África do Sul - essas populações demonstram um uso mais intenso da tecnologia para lazer, registrando maior tempo de tela recreativa. Além disso, revelam uma dependência mais

acentuada da socialização exclusivamente digital e experimentam flutuações emocionais mais notáveis (altos e baixos) relacionadas ao uso da tecnologia, em comparação com os participantes dos demais países.

A pesquisa também mostra que, globalmente, mais de cinco horas de tempo de tela recreativo diário estão associadas à diminuição do bem-estar e menor satisfação com a vida. Assim, embora a correlação não seja causalidade, é claro que precisamos nos concentrar no bem-estar digital para que os avanços na tecnologia não venham à custa da saúde e da felicidade.

"Capacitar economias emergentes com habilidades de IA não é apenas sobre tecnologia, é sobre liberar o potencial de cada indivíduo para moldar seu futuro. Com a rápida integração da IA em nossas vidas e locais de trabalho, devemos garantir que essas ferramentas sejam projetadas de forma responsável, com transparência, justiça e privacidade em sua essência. O maior potencial da IA pode ser realizado se ela melhorar o bem-estar, simplificando tarefas, aprimorando a colaboração e criando oportunidades de crescimento e aprendizado. Quando tecnologia, pessoas e propósito se unem, criamos as condições para comunidades resilientes, saudáveis e prósperas em todos os lugares", afirma Guy Diedrich, vice-presidente sênior e diretor global de Inovação da Cisco.